

**Nas páginas de uma revista: como era ser mulher  
no início do século XX na ótica de uma revista feminina**

*In the pages of a magazine: what it was like to be a woman at the  
beginning of the 20th century from the perspective of a women's magazine*

Leonardo Bruno da Silva NASCIMENTO<sup>1</sup>

**Resumo**

No início do século XX um movimento conhecido como escola dos Annales, é responsável pela ressignificação do modo de produção historiográfica. O que por sua vez trouxe uma relevância significativa no modo como os historiadores lidam com as fontes históricas, proporcionando a análise de documentos que antes, antes do Annales, não se caracterizavam como fontes. Esse trabalho busca reconstruir o significado de ser mulher no início do século XX a partir da análise de algumas revistas produzida por mulheres nesse mesmo período. Nosso propósito foi promover uma reflexão crítica acerca de como as mulheres se representavam nesses periódicos. Nesse trabalho tomamos Joan Scott (1995) como referencial teórico ao ponderar o conceito de gênero e sua representação. Neste sentido, analisamos os perfis das mulheres representadas na revista, assim como as situações sociais e culturais relacionadas ao gênero no período em que os periódicos foram impressos.

**Palavra-chave:** História. Periódicos. Gênero.

**Abstract**

At the beginning of the 20th century, a movement known as the Annales school was responsible for the re-signification of the historiographical production mode. Which in turn brought significant relevance in the way historians deal with historical sources, providing the analysis of documents that before then, before the Annales, were not characterized as sources. This work seeks to reconstruct the meaning of being a woman in the early 20th century from the analysis of some magazines produced by women in the same period. Our purpose was to promote a critical reflection on how women were represented in these periodicals. In this work we take Joan Scott (1995) as a theoretical reference when considering the concept of gender and its representation. In this sense, we analyzed the profiles of the women represented in the magazine, as well as the social and cultural situations related to gender in the period in which the periodicals were printed.

**Keyword:** History. Periodicals. Genre.

---

<sup>1</sup> Graduado em História pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).  
E-mail: prof.leonardobruno@outlook.com

## Introdução

O historiador tem por ofício vasculhar o passado na tentativa de interpretar acontecimentos que se desdobraram em um outro período histórico, e para estruturar suas pesquisas ele faz uso do que chamamos fontes históricas<sup>2</sup>, que são marcas que o homem vai deixando ao decorrer da história e que resistem ao passar do tempo. Dessa forma, seria justo afirmar que ao executar seu ofício, o historiador, assim como um “detetive que precisa das pistas para desvendar um crime” busca se valer de fontes para poder interpretar e reconstruir o passado. (SOUZA; CABRAL FILHO, 2013)

Nesse artigo vamos analisar uma fonte histórica, mais precisamente, alguns exemplares de uma revista do início do século XX, na tentativa de compreendermos como a mulher era representada através das páginas de um periódico nesse período.

Como bem sabemos, ao decorrer da história, as mulheres em suas muitas culturas foram subjugadas, controladas e até mesmo, por que não dizer, adestradas a viverem em função do homem ou de acordo com o discurso de dominação masculina. Tal subalternização fez com que sua participação na história muitas vezes fosse silenciada.

Se tomarmos como exemplo o cristianismo, doutrina religiosa com o maior número de adeptos em todo mundo, podemos ver claramente pela ótica do criacionismo a forma como o ser, mulher, foi criado. Por exemplo, no livro de Gênesis (Gn 2, 21-22) onde é pormenorizada a criação do mundo, fala-se que foi da costela de um homem que a mulher surgiu, por tanto, sendo o “homem” corresponsável pela criação da mulher, ficaria ela então submetida aos desígnios desse seu senhor?

Esse exemplo de subordinação feminina na construção da história da humanidade, do ponto de vista judaico cristão, é fundamental para compreendermos, em parte, a construção da mulher como mera coadjuvante na história, sendo destinado a elas apenas papéis inferiores. Infelizmente esse tipo de narrativa acabou se incorporando no imaginário coletivo e naturalizando-se durante séculos, até que finalmente a partir da segunda metade do século XX a revolução feminina finalmente veio desconstruir essa ideia de submissão e sexo frágil. O movimento feminista buscava dar voz a essas mulheres que já não se contentavam em ser apenas donas dos lares, pois, a ideia de que

---

<sup>2</sup> “A rigor a palavra fonte é empregada em história com sentido figurado, não se trata de considerar as fontes como a origem do fenômeno histórico, mas sim como algum tipo de registro ou testemunho de atos históricos” (SAVIANI, 2006b, apud TOLEDO; ORIOMAR, 2012, p. 257).

um bom casamento como ápice de suas realizações pessoais, não lhes satisfaziam mais. É justamente para tentarmos compreender quem eram realmente essas mulheres que esse artigo se propõe a investigar nas páginas de um período no início do século XX

Esse trabalho foi dividido em três partes, sendo a primeira incumbida de tratar sobre a ressignificação das fontes históricas, e na segunda parte faremos uma análise de um periódico feminino publicado ainda na primeira república, com intuito de demonstrar que mesmo sobre o julgo de um discurso “machista” as mulheres eram muito mais do que os papéis que lhes foram atribuídos.

A escolha da revista ÚNICA como fonte histórica analisada nesse artigo, se deu em decorrência de uma atividade proposta na disciplina, projetos VII, do 8º período do curso de história na UFAL – Universidade Federal de Alagoas/Campus do Sertão, onde foi proposto pelo professor da disciplina a análise de algum tema livre em um periódico. Foi quando nos deparamos com essa revista, publicada nas primeiras décadas do século XX, ao qual os papéis atribuídos as mulheres, divergiam em alguns pontos dos discursos dominantes historiográficos da época que “[...] associava intrinsecamente a mulher ao matrimônio e a reprodução”. (CUPELLO, 2013, p. 59)

### **Uma revolução no mundo das fontes**

Uma das grandes transformações no campo da história veio através do movimento dos Annales, esse movimento que surgiu no início do século XX é o divisor de águas dentro do mundo da construção historiográfica, pois foi através desse movimento que os historiadores passaram a fazer história de uma outra maneira, muito aquém da história positivistas até então dominante. Vale ressaltar aqui, que Antes dos Annales tinha-se a ideia de que fonte histórica, até então documentos oficiais, falavam por si só e representavam a verdade absoluta do passado como podemos ver na pesquisa de SOUZA e CABRAL FILHO:

Assim, a fonte se torna a prova objetiva e escrita que falaria por si só, sem nenhuma influência crítica ou subjetiva do historiador. Um documento que fundamentaria o fato, dando espaço para a construção da ciência proposta neste momento como História, ciência que não pretendia menos do que a verdade absoluta. Mas hoje o historiador já tem consciência do relativismo de seu ofício. (SOUZA; CABRAL FILHO, 2013, p. 1)

Em contrapartida a esse fazer histórico tradicional e engessado, ao qual o historiador tinha o seu olhar voltado apenas para o campo da economia, religião e política, considerando apenas documentos oficiais como fonte, o novo modo de fazer história proposto pelos Annales viria não só buscar uma flexibilização do que eram as fontes históricas, como também problematiza-las, num exercício constante do diálogo entre historiador e documentos.

Burke (1992) nos mostra que essa nova história que surge do movimento dos Annales “ao ampliar as fontes de pesquisa histórica para além das tradicionais, deu contribuições decisivas para a constituição da nova perspectiva sobre as modalidades e o uso das fontes” (BURKE apud TOLEDO; ORIOMAR, 2012, p. 259).

Outro fato importante nessa nova história, fundamentada na revolução trazida pelo movimento dos Anales, foi andar na contramão do fazer histórico tradicional, no que diz respeito a produzir história somente a partir dos grandes feitos realizados pelos grandes homens. Agora era hora de dar voz as classes subalternas, que por muito tempo foram silenciadas. Nessa perspectiva, era fundamental a análise de documentos que até então não eram considerados importantes. Essas novas fontes a exemplo da “imprensa”, que será utilizada nesse trabalho, passavam agora a servir como fontes para construção de uma nova perspectiva da história.

Com passar do tempo, a interdisciplinaridade que surgia na terceira geração dos Annales e a aproximação da história com outras disciplinas a exemplo da sociologia, antropologia, psicanálise, dentre outras, o campo da história também sofreu um alargamento, e em decorrência disso, novas temáticas como o corpo, a mulher, a criança, gênero dentre outros começaram a tomar um pouco mais de espaço nas produções históricas.

No entanto, segundo (LUCA, 2006, p. 111), “Na década de 1970, ainda era relativamente pequeno o número de trabalhos que se valia de jornais e revistas como fonte para o conhecimento da história do Brasil” Isso ocorria sob a justificativa de que os jornais ou revistas não seriam apropriados para o resgate do passado tendo em vista os interesses que se escondiam por trás desses periódicos. Tal medo foi sendo perdido aos poucos, na medida que novas práticas de pesquisa e técnicas de utilização dessas novas fontes foram sendo desenvolvidas e aperfeiçoadas ao decorrer dos anos.

Além disso, hoje “Os avanços tecnológicos trouxeram algumas facilidades para pesquisas no campo da história, particularmente, as proporcionadas pela digitalização de

fontes e sua disponibilização em redes eletrônicas”. (TOLEDO; SKALINSKI JUNIOR, 2012, p. 255-256). O que de fato ajudou na produção deste trabalho.

Colocar de lado o preconceito que se tinham em relação a utilização da imprensa como fonte foi algo primordial no fazer histórico, tendo em vista sua importância para reconstrução do passado em função do seu papel abrangente dentro da sociedade.

### Nas páginas de uma revista

Agora passaremos a parte chave do nosso trabalho, que como foi dito logo no início, busca analisar uma revista feminina do início do século XX, na tentativa de buscar compreender como essas mulheres eram representadas. Para isso escolhemos a revista feminina *ÚNICA* que foi lançada no ano de 1925 na cidade do Rio de Janeiro, com tiragem mensal, e teve como diretora-proprietária Francisca de Vasconcellos Basto Cordeiro, contando com a sua contribuição em várias das suas edições. Infelizmente a BNDigital não possui as edições completada da Revista Única digitalizadas; não sabemos se por não possuírem os documentos físicos da revista ou se por algum outro motivo que impede a disponibilização digitalizada completa da revista no atual momento, tal não explicado na nota sobre a revista que se encontra no site da BNDigital, escrita por Maria Ione Caser da Costa.

Figura 1 – Capa da segunda edição



Fonte: Revista Única (1925, p. 1)

Figura 2 – Interior da revista



Fonte: Revista Única (1925, p. 2)

Não surpreenderia se os documentos da revista já não existirem mais, se tiverem sido destruídos ou comidos por ratos e baratas, a preservação de um *arquivo*, como bem sabem os historiadores, é uma exceção e não a regra; além de existir todo um conjunto de tratamento dos documentos até que venham a ser utilizados em pesquisas ou publicados em sua integralidade com tem proposto a Biblioteca Nacional. A coletânea organizada por Carla Bassanezi Pinsky (2005), *As Fontes Históricas*, tornada livro-texto, acentua esse caráter das fontes históricas, ao mostrar sua variedade e usos.

A Revista Única é bastante variada nas temáticas respeitante à vida da mulher, passando por vários aspectos constituintes do gênero feminino tal como este é percebido à época, num leque indicado pelo próprio subtítulo da revista: literatura, arte, elegância e sociologia. Na sua primeira edição de 1925, é notória a proposta de capa da revista, seguida nas demais edições, e que pretende apresentar um perfil do que seria uma mulher ideal, marcada especialmente pela “elegância”. E aqui encontramos um primeiro tema de pesquisa instigante: a análise iconográfica da representação da mulher ideal nas capas da Revista Única.

Nesta primeira edição, as primeiras páginas são dedicadas a propagandas, que passam pela indumentária feminina de origem internacional (artigos de moda), bordados, chapéus, cortes de cabelo e manicure; pela medicação para mulheres, afligidas por males do “útero e dos ovários” e perfumaria. Esses anúncios também podem ser objeto de

pesquisa, eles indicam o que seria um conjunto dos interesses do gênero feminino; e aqui usamos esse conceito na acepção de Joan Scott, entendido como “elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86). Essas propagandas apontam quais os lugares e as práticas que as mulheres podem buscar no espaço privado e público, assim como apontam algo do caráter feminino. Cairia bem uma comparação com algum periódico que apontasse quais deveriam ser os interesses do gênero masculino; mas tal análise comparativa não faz parte dos intentos desta pesquisa.

A primeira edição da *Única* possui 31 páginas, mas a média das edições posteriores é de 50 páginas. No programa da revista podemos encontrar a definição do público alvo, que reforça o que dissemos anteriormente sobre a variedade e amplitude da revista; assim, na página onze desta edição, pode-se ler que a *Única* é uma revista moderna, com colaboração exclusivamente feminina e voltada para um público caracterizado como “culto e progressista”, o que não quer dizer que a revista seja excludente, pois os seus conteúdos podem interessar à “mulher de qualquer mentalidade; à frívola, como à intelectual; à mãe de família, como à jovem que findou a sua educação colegial” (ÚNICA, 1925, ed. 1, p. 11).

Não deixa de chamar a atenção algumas contradições entre os pretensos ideais progressistas da revista, os seus interesses de mercado que, desde o início não permite o cumprimento estrito do proposto, e sua seletividade quanto às ideias e práticas modernas e progressistas a ser apresentadas às mulheres brasileiras, fluminenses, entre as quais não constarão aquelas que ofendam a “moral” ou perturbem a “harmonia social”, ou seja, nada que venha a subverter a ordem patriarcal da sociedade brasileira da segunda década do século XX. O objetivo geral da revista é “o aperfeiçoamento moral, intelectual e estético da mulher brasileira [sic]” (ÚNICA, 1925, ed. 1, p. 11). E que os maridos não se preocupem com tanta modernidade e progresso na construção da elegância e refinamento das suas mulheres, pois a educação financeira da mulher faz parte do programa da revista, visando conservar o “equilíbrio financeiro” do lar.

As páginas seguintes da revista, nesta edição, seguem apresentando uma crônica sobre as aspirações da Revista *Única* e do seu público feminino; segue-se um resumo biográfico sobre a “Princesa Isabel”; posteriormente é apresentado um poema sobre o que é “ser mulher”, da poetisa Gilka Machado, um poema muito interessante, aliás, que fala sobre as limitações imposta à mulher numa sociedade dominada por homens, que torna

o: “Ser mulher, e, oh! atroz, tantállica tristeza! ficar na vida qual uma águia inerte, presa nos pesados grilhões dos preceitos sociais! [sic]” (MACHADO, 1915).

Seguem-se apresentação de outras crônicas, resenhas de livros, relatos de acontecimentos sociais, apresentação de moda, de festividades, de pinturas, de conto infantil, dicas de beleza, mais poesia, enfim, como dito, a revista aborda objetos bastante variados, mas sempre voltados numa perspectiva que tenham algo a contribuir com o aperfeiçoamento do gênero feminino.

Nesta primeira abordagem da Revista Única, destacamos a pluralidade de objetos abordados pela revista por si impõe uma análise vasta, e mais interessante: essa pluralidade na revista faz ressoar nitidamente aquilo que Bakhtin chama de polifonia de vozes<sup>3</sup>; isso torna importante uma análise que busque rastrear essas vozes, enfatizando não apenas algum ideal monolítico do ser mulher que permeia a revista, mas também os diferentes tipos de mulher que vão aparecendo nas várias narrativas que a revista apresenta.

Ao longo da edição encontramos representações, algumas desde as representações mais antigas das mulheres no mundo ocidental, como aquelas que reforçam a limitação dos espaços que as mulheres podem ocupar na sociedade, na qual a política é geralmente a dimensão da vida pública mais negada às mulheres. Nesse sentido, vale destacar que o sufrágio universal ainda não era praticado no Brasil à altura da publicação desta edição da revista, não estranhando, portanto, que a revista não faça menção à luta por direitos políticos das mulheres; não, o espaço para a realização existencial destas é outro.

À mulher cabe sonhar com os feitos de uma Isabel, a Redentora, um modelo de princesa, de cristã, de esposa e mãe, conforme é apresentado pela revista. Por outro lado, uma voz polifônica intervém e afirma que as mulheres podem realizar grandes coisas, que por muito tempo têm sido primazia do gênio masculino. O exemplo? Madama Marie Curie. A colaboradora da edição, com o nome de Guaratyba, defende a ideia de que sempre existiram grandes mulheres ao longo da história, mas que foram restringidas por muito tempo, pois, apenas os seus atos de sacrifício eram venerados. Afirma ela: “nas

---

<sup>3</sup> “A multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis[...]” (BAKHTIN apud SCHAEFER, 2011, p. 3). Também podemos observar um aspecto muitíssimo interessante no que diz respeito a polifonia de vozes, “[...] que decorre, quase como uma consequência natural, da preservação da individualidade de cada voz na unidade do conjunto”. (SCHAEFER, 2011, p. 3)



qualidades mentaes e espituaes não existe linha que demarque o sexo [sic]” (ÚNICA, 1925, ed. 1, p. 17).

Indo além. Como sugere Joan Scott, também é importante analisar como essas narrativas sustentam determinada configuração das relações de poder entre homens e mulheres, os que buscam conservar, os que buscam romper, aqueles que reforçam a submissão das mulheres, aqueles que reforçam esquemas de resistência. Também nos parece interessante analisar a revista por uma perspectiva apontada pelo historiador Carlo Ginzburg, especialmente a partir do conceito de “circularidade cultural”, buscando observar como a revista se abre para determinada forma de circulação cultural entre as mulheres de classes sociais diferentes que consomem as suas publicações mensais, e como questões transversais que perpassam tanto a vida de mulheres letradas quanto a de mulheres iletradas da época (notória pelo alto índice de analfabetismo) são abordadas; uma excelente oportunidade para explorar a discussão sobre os recortes de classe e os recortes de gênero.

Passemos agora a segunda edição da revista que abordaremos. Trate-se da edição nº 2 do ano 1 da Única, ou seja, sequência da primeira edição que abordamos. Esta segunda edição segue o padrão da primeira, apresentando uma capa do que seria a mulher ideal progressista, culta e elegante, ao que seguem vários anúncios nas primeiras páginas sobre produtos de beleza, cortes de cabelo, chapéus, filantropia, bordados, roupas, saúde feminina, práticas artesanais como pintura “a distração predileta de uma senhora”.

Segue-se novamente uma crônica sobre a Revista Única, exaltando o sucesso da primeira edição e o quão significativo é a realização desse empreendimento para as mulheres brasileira. Desta vez, a personagem histórica feminina a ser explorada na revista é Maria Antonieta, não em primeiro plano, mas na sua tragédia durante a revolução francesa é enfatizada a sua condição feminina. Em acordo com a proposta de aperfeiçoamento intelectual da mulher, a revista apresenta uma discussão filosófica a suas leituras, à mulher intelectual.

Mais longa do que a primeira edição, esta segunda edição traz mais conteúdos ao público, multiplicam-se as crônicas, as dissertações, as poesias, a narração dos episódios que enaltecem as mulheres como uma grande realização filantrópica. Várias páginas são dedicadas à exploração da moda para vestir e para a ornamentação da casa, ao que há de mais novo mercado, de mais elegante. Esta edição também apresenta resenhas de livros e diversas historietas, pequenos contos. Frases de diversos autores são apresentadas na

revista, até Nietzsche é citado em momento de discussão sobre o amor; parece que a colaboração da vez está distante de algumas feministas contemporâneas que apontam Nietzsche como um grande misógino. Não falta a apresentação de imagens nesta edição, quase um catálogo de modos como referido antes, mas também um catálogo de desenhos feitos por mulheres.

Dada a pluralidade de objetos e narrativas que esta edição da Revista *ÚNICA* oferece, assim como a primeira edição, vamos nos focar no texto de uma das colaboradoras para observar como a mulher está sendo representada nele. Trata-se de um texto com um título muito instigante à primeira vista: O que é feminismo, de Margarida Albana. A definição apresentada logo de cara pela autora é: feminismo é o “grito da mulher escrava contra o despotismo do homem” (*ÚNICA*, 1925, ed. 2, p. 38). O feminismo é tomado como manifestação contra a longa história de abusos e violências dos homens contra as mulheres, é a reivindicação dos direitos destas.

A autora passa em revista vários acontecimentos históricos para exemplificar a dominação masculina, e toma como vozes do feminismo como a autora, Olympia de Gourges, morta na Revolução Francesa justamente por requer que as mulheres tivessem direitos iguais aos dos homens, como pode ser observado na sua Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, de 1791. Ao fim do texto, Albana aponta a realização de um “Congresso Feminista” que seria realizado no Brasil no ano de 1928.

O pequeno texto de Margarida Albana, com ideias que hoje encontramos em qualquer introdução ao feminismo, é muito significativo para a época em que foi escrito, e com certeza merece ser pesquisado mais a fundo. Estar-se em 1925, lembremos que a mulher ainda não tinha direito ao voto no país. O texto de Albana aponta para a existência de mulheres empenhadas em lutar por aquilo que reconhecem como seus direitos, numa sociedade a qual a dominação masculina ainda impera.

O texto também reflete o que acentuamos anteriormente: a polifonia de vozes. O perfil do ser mulher que se destaca ao longo dessas duas edições que abordamos não o perfil de mulheres feministas, é antes a conformação de um perfil que se acomoda à estrutura patriarcal da sociedade. Mas aí está uma voz francamente destoante, explicitamente militante, que certamente deve ter sido crítica a muito do que estava sendo veiculado na Revista *Única*.

### Considerações finais

Ao decorrer dessa pesquisa fica evidente que as mulheres do início do século XX representadas pela revista ÚNICA, estão um pouco aquém das mulheres modernista exaladas por alguns dos seus autores, pois muitas vezes elas se mostram conformadas com o perfil traçado pelo patriarcado daquele período. Nas páginas da própria revista, ressalta-se alguns interesses ao qual o público feminino deve se voltar, a exemplo da moda feminina, o que por sua vez revela uma relação de poder sobre o gênero conforme as ideias de SCOTT (1995).

Algo interessante da pesquisa foi a polifonia de vozes que ecoa da revista ÚNICA, pois ao mesmo tempo em que quer dar voz a mulheres “progressistas” também a amarra aos padrões de beleza femininos que devem ser seguidos com base na iconografia da revista.

### Referências

AGUIAR, Maria do Carmo P.; KRENISKI, Gislania C. P. **O jornal como fonte histórica: a representação e o imaginário sobre o “vagabundo” na Imprensa Brasileira (1989-1991).** Simpósio Nacional de História. São Paulo, julho 2011, Anais.

CUPELLO, Priscila Céspedes. **A mulher (a)normal: representações do feminino em periódicos científicos e revistas leigas na cidade do Rio de Janeiro (1925-1933).** Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde), Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2013.

D’INCAO, Maria Ângela: Mulher e família Burguesa. In. **História das mulheres no Brasil.** Mary Del Priore Bassanezi (Coord). 7 ed – São Paulo: Contexto, 2004.

LUCA, T. R. **História dos, nos e por meio dos periódicos.** In: PINSKY, C. B. (Org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2006. p. 111-153.

MACHADO, Gilka: **Ser mulher.** In Revista Única, 1925, ed. 1, p.16

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar - Brasil: 1890-1930.** Editora Paz e Terra, 1985.

SANTOS, A. T. **A construção do papel social da mulher na primeira república.** Em Debate (PUCRJ. Online), v. 8, p. 1, 2009.

SCHAEFER, S. **Dialogismo, polifonia e carnavalização em Dostoiévski.** Bakhtiniana. Revista De Estudos Do Discurso, (6), 194–209. 2011.

SCOTT, Joan Wallach. “**Gênero**: uma categoria útil de análise histórica”. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SOUZA, Danilo Rodrigues; CABRAL FILHO, Severino, 2013: **O periódico como fonte na pesquisa histórica**: trabalho e trabalhadores no jornal “diário da borborema” – campina grande, 1957-19801. In XXVII Simpósio nacional de história, 2013.

TOLEDO, C. de A. A. de; SKALINSKI JUNIOR, O. **A imprensa periódica como fonte para a história da educação**: teoria e método. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, SP, v. 12, n. 48, p. 255–268, 2013.